POLITÉCNICO DE LEIRIA | ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E DESIGN

DOSSIER
OFICINA ÁGUA

OFICINA DE ANTROPOLOGIA
para as artes e design
Opção livre | 2024
Teresa Fradique

SAUDAÇÕES AOS RIOS (2023)

Ailton Krenak

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas são quem mas sugerem que, se há um futuro ser cogitado, esse futuro ancestral, porque já estava aqui. Gosto de pensar que todos aqueles que somos capazes de invocar como David são nossos companheiros de jornada, mesmo que que imemoráveis já que a passagem do tempo acaba se tornando um ruído em nossa observação sensível do planeta. Mas estávamos na Pacha Mama, quem não tem fronteiras, então não importa se estamos acima ou abaixo do Rio Grande; estamos em todos os lugares, pois em tudo estão os nossos ancestrais, os rios montanhas, e compartilho com vocês riqueza incontida que viver esses presentes. (…)

Por onde pude andar, no Brasil ou em outros cantos do mundo, prestei mais atenção nas águas do que nas edificações urbanas que se debruçam sobre elas - pois todos os nossos assentamentos humanos, na Europa, na Ásia, na África, por todos os lados, sempre foram atraídos pelos rios. O rio é um caminho dentro da cidade, que permite se deslocar, embora faça tempo que as pessoas tenham decidido ficar plantadas nas cidades. Nas salas de aula, as crianças escutam que uma das civilizações mais antigas do mundo nasceu no delta do rio Nilo, no Egito, cujas aguas irrigavam suas margens, propiciando condições para a agricultura - essa ideia civilizatória. Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios. Esse exercício de escuta do que os cursos d'agua comunicam foi produzindo em mim uma especie de observação crítica das cidades, principalmente as grandes, se espalhando por cima dos carpos dos rios de maneira tão irreverente a ponto de não termos quase mais nenhum respeito por eles.

Os antigos do nosso povo colocavam bebes de trinta, quarenta dias de vida dentro do Watu, recitando as palavras: "Rakandu, nakandu, nakandu, racandu". Pronto, as crianças estavam protegidas contra pestes, doenças e toda possibilidade de dano. Esse nosso rio-avô, chamado pelos brancos de rio Doce, cujas águas correm a menos de um quilómetro do quintal da minha casa, canta. Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música. Gostamos de agradecê-lo, porque ele nos dá comida e essa água maravilhosa, amplia nossas visões de mundo e confere sentido à nossa existência. À noite, suas águas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra. Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir. **Por exemplo, ser água e viver essa incrível potência que ela tem de tomar diferentes caminhos.**

(…)

Ele carrega muitos outros rios, mas também a água a que a própria floresta dá para as nuvens, e que a chuva devolve pra a terra, nesse ciclo maravilhoso em que as aguas e os rios são as do céu, e as águas do céu são as do rio. (…)

A maioria das pessoas pensa que só se vive em terra firme e não imagina que tem uma parte da humanidade que encontra nas águas a completude da sua existência, de sua cultura, de sua economia e experiência de pertencer. (…)

Os rios que ainda não foram asfixiados nas cidades seguem correndo no cerrado, nas florestas, na Mata Atlântica e no Pantanal - todos biomas flagelados - e são os primeiros a terem os corpos apropriados pela fúria de certos humanos em suas atividades incessantes: essa gente que está empesteando o planeta só percebe os rios como potencial energético para construção de barragens ou como volume de água a ser usado na agricultura e, assim, o Brasil segue exportando sua água através de grãos e minério. Tratam os rios de maneira tão desrespeitosa que da a impressão de que sofreram urn colapso afetivo em relação às preciosidades que a vida nos proporciona aqui na Terra. (…)

Será que vamos matar todos os rios? Vamos fazer com que todos esses seres maravilhosos, resilientes e capazes de esculpir pedras se convertam em risco para a vida e desapareçam [refere-se aos esgotos a desaguar nos rios]? (…)

Acontece que ao transformarmos água em esgoto ela entra em coma e pode levar muito tempo para que fique viva de novo. O que estamos fazendo ao sujar as águas que existem ha 2 bilhões de anos é acabar com a nossa própria existência. Elas vão continuar existindo aqui na biosfera e, lentamente, vão se regenerar, pois os rios têm esse dom. Nós é que temos uma duração tão efémera que vamos acabar secos, inimigos da água, embora tenhamos aprendido que 70% de nosso corpo é formado por água. Se eu desidratar inteiro vai sobrar meio quilo de osso aqui, por isso eu digo: respeitem a água e **aprendam a sua linguagem. Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa vivência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos.**

Excertos retirados do capítulo KRENAK, A. (2022). “Saudações aos Rios“, *Futuro Ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, págs. 11-27.

HOW WATER MAKES US HUMAN: ENGAGEMENTS WITH THE MATERIALITY OF WATER (2019)

Luci Attala

Este livro faz parte de uma série que contribui para aquilo a que se chama, de um modo geral, a viragem dos "novos materiais" [new materials] nas ciências sociais. A intenção subjacente que une os numerosos movimentos interdisciplinares que participam e alimentam este florescente corpo de literatura é desafiar o antropocentrismo. Esta série destrona o humano através do envolvimento com os materiais [drawing in materials]. Posicionada sob a designação genérica de "Novos Materialismos" ou "Novas Materialidades", a série tem como objetivo envolver o não-humano como agente, com vista a reconhecer e defender as entidades não-humanas que prevalecem e participam nas nossas vidas.

Distinctions between 'materiality' and 'matter'

O termo "materialidade" descreve a qualidade ou o carácter do material de que uma coisa é feita - aquilo a que podemos chamar a sua materialidade. Por outro lado, o termo "matéria" é utilizado para descrever objectos físicos que ocupam espaço (massa). As teorias tradicionais da materialidade exploram a forma como os objectos (feitos de matéria (diferentes materiais)) moldam a vida das pessoas. As novas materialidades analisam os materiais (matéria) de que são feitos os objectos e a forma como esses materiais influenciam o comportamento humano.

Os estudos sobre a materialidade e a cultura material tendem a centrar a sua atenção nas coisas ou objectos, especialmente nas coisas que as pessoas fazem. Os académicos têm-se preocupado menos com o comportamento dos materiais, preferindo analisar a forma como as pessoas os utilizam. Os estudos de materialidade demonstram, por conseguinte, uma ligação entre a humanidade e as coisas que esta fabrica e utiliza. Por outras palavras, exploram a forma como os objectos reflectem os seus criadores e proprietários e, por conseguinte, incorporam significados.

A viragem das Novas Materialidades afasta-se dos objectos e examina os materiais a partir dos quais os objectos são fabricados. A atenção dada aos materiais permite a abertura de uma nova dimensão, em que a substância a partir da qual uma coisa é feita se torna significativa. Trazer os materiais para o primeiro plano não só mostra que os materiais são instrumentais na criação do carácter e do significado de um objeto, mas também que os próprios materiais determinam - ou são mesmo ativamente responsáveis por - a forma final e o modo como o objeto acabado se pode manifestar. Assim, o modo como um material se comporta prediz o modo como pode ser utilizado e, por sua vez, o modo como o compreendemos. Esta perspetiva confere aos materiais um tipo de agência, tanto intrinsecamente como na sua relação com outros materiais. De facto, segundo esta perspetiva, é a forma como os materiais interagem ou se envolvem que se torna o lugar da relação, da criatividade e da atenção. Por conseguinte, o NM chama a atenção para os materiais de que as coisas são feitas e, ao centrar-se nos comportamentos e características dessas substâncias, coloca a questão "Como é que os materiais (leia-se "substâncias") com que fazemos as coisas moldam as nossas vidas?

A direção e o objetivo: novas materialidades

Este livro trata da forma como a água se transforma em pessoas - ou, por outras palavras, como as pessoas e a água fluem em conjunto e se moldam mutuamente. Embora o foco do livro esteja nas relações mantidas entre a água e as pessoas, também tem uma mensagem mais alargada sobre as relações humanas com o ambiente em geral - uma mensagem que ilustra não só que as pessoas estão existencialmente emaranhadas com o mundo material, mas também que os materiais do mundo moldam, determinam e permitem que os seres humanos sejam "humanos" da forma que são. **Por conseguinte, este livro é, antes de mais, sobre relações**. Centra-se especificamente **na água e, ao fazê-lo, chama a atenção para os filamentos líquidos que atravessam e unem fisicamente os corpos e outras matérias, antecipando assim o papel que a água desempenha na formação das vidas humanas**. Através da adoção do que é amplamente designado por uma perspetiva de Novas Materialidades (doravante "NM") (seguindo: Bennett 2010; Coole e Frost 2010; Drazin e Küchler 2015), **são demonstradas as ligações inextricáveis entre os mundos dos materiais de que as pessoas (enquanto corpos) fazem parte**.

Uma perspetiva NM é uma abordagem inclusiva para ver o mundo (uma ontologia) que analisa a forma como os materiais se comportam em conjunto, de modo a considerar a vida a partir da perspetiva das interacções materiais. Pretende **olhar para além das fronteiras que aparentemente contêm as entidades, para se concentrar, em vez disso, na forma como as entidades se influenciam mutuamente através da sua materialidade**. Tal como acontece com outras abordagens, uma abordagem inclusiva reconhece que todas as situações são complexas, contingentes, contextuais e consistem em múltiplas

influências de impacto (Urry 2005). No entanto, ao utilizar uma perspetiva NM, essas complexidades são vistas como ocorrendo dentro das restrições do ser físico, em vez de noutras escalas (por exemplo, política ou económica). Evita sugerir que apenas um aspeto, método ou forma tem precedência sobre outro e, ao fazê-lo, apoia um movimento no sentido da apreciação dos aspectos co-gerativos das relações (ou "estar junto") para explorar como as relações produzem resultados variáveis, dependendo da física de todos os materiais envolvidos. Em suma, a inclusividade inclui e, ao incluir ou relacionar a forma como mais do que o humano faz do humano aquilo que ele é, a abordagem NM evita a exclusividade humana e a discriminação contra outros aspectos do mundo material. Consequentemente, uma perspetiva NM relaciona-se especificamente com as relações (e quase a sua molecularidade) em vez de observar como itens singulares ou indivíduos se comportam - isto é: explora (ou traz à luz para inspeção) as formas como as coisas se relacionam umas com as outras. Assim, defende que o que interessa é a relação (a forma como as coisas se podem relacionar) e não as coisas em si (ou exclusivamente).

A abordagem NM sustenta que todo o comportamento e toda a possibilidade emergem de um terreno material, porque não há outro "lugar" de onde possam vir. Por conseguinte, para compreender os princípios e as influências que sustentam e geram actividades em qualquer escala, é preciso quase dissolver as entidades na sua materialidade subjacente para chegar ao cerne do funcionamento dos materiais, percebendo assim a nossa dependência fundamental das substâncias que se formam e se reciclam constantemente através de nós. Ao atender aos laços elementares da existência, as pessoas misturam-se no mundo e qualquer separação anteriormente imaginada é suavizada. Compreender a nossa inquebrável dependência e conetividade com tudo o resto é o início da remodelação da forma como nos imaginamos a nós próprios, às nossas acções e ao vasto acontecimento material de que fazemos parte, simbioticamente e com respeito. Consequentemente, em sintonia com a noção de "habitar" [dwelling] de Ingold (2000), que procura rematerializar as pessoas no mundo, a perspetiva NM ajuda-nos a dar sentido à vida humana, desafiando diretamente as perspectivas que se baseiam numa separação ontológica entre pessoas, coisas e coisas, o que cria uma perspetiva ou forma de pensar que desencarna as pessoas e as apresenta como se estivessem separadas do mundo através da ideação.

O objetivo desta direção é duplo. Em primeiro lugar, pretendo reparar o distanciamento intelectual entre as pessoas e o mundo de que fazem parte; e, em segundo lugar, ao colocar a água em primeiro plano ao longo do texto, espero ilustrar como as vidas humanas não precisam e utilizam simplesmente a água, mas são inextricavelmente moldadas pela sua relação com ela. Acredito que isto oferece a oportunidade de as pessoas reconhecerem o quão dependentes as suas vidas são de outras entidades. Compreendendo que os diferentes aspectos do planeta não estão aqui para nossa conveniência e para (ab)uso, começamos a ver a nossa relação como partes de um todo maior, e que o todo está a usar as partes (nós) tanto quanto o contrário.

(…)

Porquê a água?

À medida que as agências globais reconhecem a necessidade universal de reconsiderar o envolvimento humano-ambiental (Friends of the Earth International n.d.; Greenpeace International 2016; UNSDG n.d.), mais informações sobre o uso da água e os significados que ela possui são considerados de particular importância contemporânea (Fontein 2008). É minha convicção que a investigação sobre a água que adopta um enfoque NM está melhor colocada para contribuir para as exigências actuais de formulação de relações sustentáveis com os recursos planetários do que os métodos mais tradicionais que retratam a água como um recurso para consumo humano sem referência à influência mais ampla que exerce. Isto porque as representações que explicitamente se apercebem da química inextricavelmente emaranhada do ser humano oferecem uma imagem mais clara do fundamento das práticas, apoiando assim a procura de métodos e soluções alternativos.

(…)

Sugiro que é necessária uma abordagem mais profunda - uma abordagem que se afaste da procura de métodos para melhorar as vidas humanas para uma abordagem que procure melhorar a existência de todos os materiais igualmente e em conjunto.

(…)

As pessoas: os corpos e a água

A perspetiva teórica aqui adoptada é fundamentada numa série de pequenos exemplos etnográficos. Esta estrutura foi concebida para demonstrar como estas ideias funcionam e podem ser empregues em diferentes contextos. Os métodos ajudam a refletir sobre o modo como as pessoas são informadas por (ou materializadas através de) relações com materiais (neste caso, a água) e não existem isoladamente ou sem referência a um conjunto mais vasto de influências materiais. Da mesma forma que o comportamento humano influencia a água, este quadro ilustra como a água molda a humanidade. O enfoque na água poderia ser visto simplesmente como um mecanismo de representação que

esbate e desfoca as fronteiras entre os corpos humanos e o mundo material no texto, mas a intenção é muito mais do que uma simples representação. Ao realçar as corporeidades existenciais com a água especificamente, é possível relacionar as realidades físicas (ou materiais) da existência humana e assim evitar a habitual distância intelectual colocada entre os corpos e o resto do mundo material.

(…)

Assim, através do reconhecimento da relação co-produtiva entre a água e as pessoas, pretendo demonstrar como a água atrai as pessoas de forma convincente e que, em resultado da sua fundamentalidade material vital e da insistência biológica concomitante de um envolvimento regular, a água emerge como uma componente formativa e modeladora das ideias culturais e do ser humano.

Excertos retirados do capítulo ATTALA, Luci, 2019. "Introduction", *How Water makes Us Human: engagements with the materiality of water*. London: Routledge, págs. 3-17.

Atenção: tradução livre de Teresa Fradique NÃO CITAR.

Introdução à obra APARELHOS DE ELEVAR A ÁGUA DE REGA ([1969?] 1986)

Jorge Dias e Fernando Galhano

A irrigação do solo é uma necessidade vital das regiões secas da Terra. Nalguns lugares o seu uso perde-se em tempos remotos. Não faltam testemunhos históricos e arqueológicos a atestar esta afirmação – numa maça de armas de pedra da I dinastia egípcia está representado um faraó a trabalhar numa canalização. Nesta mesma época foi aberto um canal de 600 km, desde Abidos até Fayum. Porém, a construção de canais ou diques de rega remonta a tempos mais recuados.

Parece que o Egipto recebeu das regiões asiáticas situadas ao norte da Mesopotâmia grande parte dos conhecimentos hidráulicos. Segundo Birket-Smith é de crer que tivessem sido a Síria setentrional e a região de colinas no sopé das montanhas da Arménia os primeiros lugares da Terra onde o homem aproveitou a água para regar artificialmente, a julgar pelas suas condições naturais, propícias ao desenvolvimento da técnica do regadio – clima seco e abundância de ribeiros de montanha.

A hipótese da origem mesopotâmica tem de se pôr de parte, visto ser uma região nascida das aluviões recentes do Tigre e do Eufrates que, com toda a probabilidade, é mais jovem do que a descoberta do regadio.

O Egipto, que durante muito tempo foi considerado falsamente, por alguns, como o berço de todas as formas da cultura, tem contra si o facto de ser um vale fluvial longo e estreito, entre dois desertos, e colocado um pouco à margem das velhas civilizações. Isto torna pouco provável a ideia de prioridade, que lhe foi de princípio atribuída.

O regadio primitivo consistia apenas em conduzir a água, aproveitando a força da gravidade, e só mais tarde surgem processos mais complicados. Em geral o espírito inventivo do homem está longe de ser rico como muitos supõem. As invenções e o aperfeiçoamento das descobertas iniciais são muito raros e devem-se sempre à capacidade inventiva de homens excepcionais. Nos tempos antigos só as velhas civilizações asiáticas souberam aproveitar a água para accionar moinhos, rodas hidráulicas e pisões. O resto da humanidade manteve-se até épocas históricas avançadas sem se erguer acima de formas elementares de regadio, se bem que, por vezes, realizasse obras de proporções gigantescas. No Peru e no México, por exemplo, foram notáveis as obras levadas a cabo antes da descoberta do continente americano. Os Estados Unidos pouparam, em

tempos recentes, a soma considerável de $ 20.000 aproveitando uma espécie de condução de águas de 4 a 5 km aberta pelos índios na rocha dura de uma elevação vulcânica.

Esta luta pela água só a compreende quem lhe sente a falta. Como diz Jean-Brunhes: «L'eau est le produit le plus précieux, le plus essentiel, mais qui nous est en certaines zones du globe distribué si largement que nous n'avons aucun effort à faire pour en jouir; il se trouve souvent distribué sous la forme de pluie, c'est-à-dire sous la forme qui nous permet de l'utilizer directement, sans que nous ayons aucun travail à fournir».

De facto, os que vivem nas regiões privilegiadas da Europa Média e Setentrional, onde chuvas frequentes e regularmente distribuídas mantêm a terra fresca e irrigada, não compreendem a luta sem tréguas, e por vezes trágica, do habitante das terras secas, por esse elemento precioso.

Portugal está ainda, em parte, compreendido na zona seca da Terra. Se não fosse a grande superfície de evaporação do Mediterrâneo, que determina um tipo de clima e de vida vegetal e humana, de certo modo independentes, as influências desérticas do Sahara far-se-iam sentir até uma latitude muito mais elevada, e os desertos avançariam pela Europa, como sucede na Ásia.

Apesar da acção moderadora do Mediterrâneo, a Península Ibérica apresenta grandes zonas dominadas pela aridez. A sua situação especial entre dois mares, o Atlântico e o Mediterrâneo, dá origem a dois regimes climáticos muito diferentes. Embora os ventos desses dois mares tendam a convergir para o centro da Península, os que sopram do Atlântico são mais húmidos e dão lugar a precipitações incomparavelmente mais abundantes. É evidente que o relevo determina, por sua vez, a maior ou menor percentagem da distribuição das precipitações na paisagem, sem contrariar o facto dominante, isto é, que a metade atlântica da Península recebe muito mais chuvas anuais do que a metade mediterrânea. Mas a diferença entre essas duas metades manifesta-se mais nos diversos regimes que as caracterizam do que na média anual das precipitações. Enquanto na zona atlântica as chuvas são mais regulares e contínuas, as da região mediterrânea são bruscas e torrenciais, e tanto mais torrenciais quanto menos frequentes.

Daqui resultou a divisão da Península em duas grandes zonas: Ibéria Seca e Ibéria Húmida.

Apesar de Portugal estar compreendido na chamada Ibéria Húmida, nem por isso deixam de se impor os problemas da irrigação, motivados pelas épocas de secura estival. De facto, durante o verão, reinam em quase toda a Península as condições climáticas do Mediterrâneo: temperatura elevada, luminosidade intensa, grande insolação, carência de chuvas. Pode dizer-se que, em Portugal, Julho e Agosto são meses sem chuva ou de escassos chuviscos, incapazes de satisfazer as necessidades da agricultura.

Este facto não impede que, como diz Lautensach, muitos autores menos informados afirmem que Portugal dispensa a irrigação artificial. Tal crença provém da divisão da Península feita por Brunhes, de que já falámos, a qual considera húmida a região situada a ocidente de uma linha que parte de Tarragona, passa por Leão e segue para o sul até Huelva.

Embora não existissem em Portugal (antes da campanha organizada pelo Governo nos últimos decénios)14 obras de irrigação imponentes como as do sudeste peninsular, impostas pela extrema secura da região, a área tradicionalmente irrigada em Portugal é muito grande. Segundo o cálculo aproximado de Teixeira de Meneses Pimentel, o nosso país deve ter uns 9000 kms2 de terras irrigadas, ou seja cerca de 10 % da sua área total15. Admitindo com Orlando Ribeiro que haja arbitrariedade e exagero nesta estimativa16, a superfície irrigada ainda assim será muito grande.

A irrigação portuguesa é principalmente de iniciativa particular, aproveita pequenas nascentes ou poços, e algumas vezes rios, para benefício da propriedade privada. Só nas aldeias em que se mantêm restos de velhas organizações comunitárias, existem curiosos sistemas de distribuição de águas comuns, que se podem porventura filiar em antigos costumes de regadio em propriedade colectiva, se é que o hábito de regular os assuntos do povo em comum não veio também, em tempos mais recentes, a estender-se ao aproveitamento da água de rega17.

A maior percentagem de terras irrigadas não se encontra nas regiões de maior secura. Pelo contrário, o regadio é mais intenso nas áreas de maiores precipitações, ou seja no noroeste do país, onde as condições naturais permitiam um aproveitamento individual não excessivamente custoso. Pelo contrário, onde a irrigação era difícil e dispendiosa, como no Alentejo, o homem teve de se submeter às condições naturais, embora no passado algumas tentativas tivessem sido feitas18, tentativas que em nossos dias se estão a renovar com apreciável êxito19.

São muitos e variados os processos tradicionais de rega, usados em Portugal.

No Norte, temos as chamadas águas de lima, usadas, sobretudo, para alimentar os prados naturais (lameiros), os prados semeados e os linhares. As águas de lima são principalmente usadas no inverno e estabelecem como que uma película de água que imbebe a terra permanentemente. Esta água não só serve para irrigar, como para evitar que as fortes geadas queimem a erva. No verão, só nas regiões serranas, onde abundam as águas correntes, se limam os lameiros. Na estação estival o sistema mais usado é o de rega pelo pé, aproveitando a

água de ribeiros ou represas, que se conduz para os campos por pequenos regos ou canais. Dentro do próprio campo, o lavrador vai guiando a água com a enxada, abrindo e tapando sucessivamente os regos feitos previamente, de maneira que a água chega a todas as plantas.

Também existe o sistema de regar sem abrir regos, deixando alastrar a água lentamente pelas superfícies das hortas aplanadas. Chama-se a isto regar à manta, em Bragança. Estes sistemas devem ser muito antigos entre nós, pois, segundo Estrabão, os lusitanos usavam uma espécie de cota de linho, para cujo cultivo se costuma limar a terra.

Quando não se podem aproveitar desníveis, existe toda uma série de curiosos aparelhos de elevar a água.

As normas tradicionais, que regulam a distribuição e aproveitamento das águas de rega entre os vizinhos das aldeias comunitárias, parecem ser um argumento em favor da sua origem pré-romana.

A rega costuma dividir-se em dois tipos, chamados: rega de abundância e rega de carência. A primeira reforça a acção dos agentes naturais, e usa-se para estimular o nascimento dos fenos, processo usado também na Europa Média. A segunda é para regar hortas, campos e pomares durante o verão e representa uma vitória sobre a Natureza22. O primeiro sistema está espalhado na Europa até à Islândia. A irrigação artificial pratica-se, às vezes, também no norte da Europa, como por exemplo na zona seca do vale de Gudbrand, na Noruega, onde tem lugar intenso regadio23, mas as áreas de difusão deste segundo tipo são por excelência os países da bacia do Mediterrâneo e o Oriente.

Embora o principal objectivo desta obra seja o estudo tecnológico dos aparelhos usados para elevar a água de rega, não deixaremos de mencionar outros sistemas de regadio usados no país, no capítulo que se segue.

Por uma questão de método, dividimos os aparelhos de elevar a água de rega em três grupos, segundo a força motriz utilizada para os accionar – o primeiro abrange os aparelhos movidos por agentes naturais: vento e água; o segundo, os aparelhos movidos por animais; o terceiro, os aparelhos movidos pelo homem. Depois da descrição mais ou menos pormenorizada dos diferentes aparelhos que encontrámos pelo país, ou na literatura da especialidade, procurámos ordená-los segundo um sistema tipológico, a fim de facilitar o trabalho aos estudiosos destes assunto.

Embora já se mencionem os locais onde esses aparelhos foram observados, dedicámos um capítulo especial ao estudo da distribuição dos diferentes tipos pelas várias regiões do país. O método cartográfico tem indiscutíveis vantagens; melhor do que qualquer outro ajuda os estudos comparativos, assim como facilita a delimitação das diferentes áreas culturais.

Os problemas de origens ou relações históricas entre os aparelhos portugueses e os de outras regiões do globo estudar-se-ão à parte, num capítulo especial, evitando confusões desnecessárias. Ao mesmo tempo o leitor não será obrigado a ler o que não deseja e poderá procurar em cada capítulo aquilo que lhe possa interessar.

Excertos retirados do capítulo DIAS, Jorge ; GALHANO, Fernando. *Aparelhos de elevar a água de rega : Contribuição para o estudo do regadio em Portugal.* Nouvelle édition [en ligne]. Lisboa : Etnográfica Press, 1986.

DOSSIER DE APOIO À CRIAÇÃO DA OFICINA ÁGUA.

Não dispensa consulta dos textos completos originais e restantes materiais do moodle.

Bibliografia complementar:

VER MOODLE